

Conservação dos butiazais e salvaguarda da pecuária familiar em campo nativo na região de Quaraí, Rio Grande do Sul

O contexto

No Pampa, no município de Quaraí, no Oeste do Rio Grande do Sul, quando se vem chegando nas localidades do Coatepe e do Salsal, subitamente surge uma paisagem inusitada: os butiazais. O que se vê é uma paisagem repleta de palmeiras da espécie *Butia yatay* dispostas em meio ao campo nativo nas encostas e topos dos cerros. O vento movimentava as folhas como se todas as árvores estivessem abanando ou bailando para quem olha, coisa linda de ver. Ao pôr do sol o espetáculo é maravilhoso, vale a pena ir até lá para contemplar, pois não é possível descrever tanta beleza!



Em meio ao butiazal, o gado bovino e ovino pasteja tranquilamente os verdes campos naturais aproveitando um pouco da sombra dos butiazeiros e, de novembro até março, também come seus frutos, butiás amarelos ou avermelhados caídos ao pé das árvores. Estes animais domésticos dividem o espaço com emas, cervos, sorros ou graxains, tatus e outras espécies de uma rica e diversa fauna silvestre. Na primavera, o campo está todo pintado, multicolorido de lindas flores que por ali ponteiam.

No inverno, a palha seca do capim-limão reflete de modo único a luz do sol e dá ao campo matizes de dourado e prateado que se alternam ao longo do dia. A noite traz vagalumes, sons diferentes e curiosos.

Nesse lugar tranquilo moram pecuaristas familiares, que levam uma vida de lida diária e intensa com o gado, mas também prazerosa, com muitas histórias, uma culinária típica saborosa e uma relação de cuidado e respeito com o ambiente. O tempo, a sabedoria e a transmissão de saberes entre gerações criaram um modo especial de fazer xergão, quinchá e cercas, que são muito duradouras. É aqui que o Instituto Curicaca e a Fundação Luterana de Diaconia (FLD), em parceria com as famílias locais, iniciaram o desenvolvimento de mais um projeto de conservação e uso sustentável da natureza e de valorização da cultura e do modo de vida local.



O desafio

Caminhando pelo butiazal, nos chama a atenção que raramente encontramos butiazeiros jovens e produzindo frutos. Só vemos árvores antigas, muitas delas centenárias. Olhando com cuidado ao redor delas, é possível encontrar pequenas plantas de butiazeiro, com uma ou duas folhas, que chamamos de plântulas. É preciso ter o olhar afiado, pois mais parecem pequenas gramíneas confundidas com o capim pastejado pelo gado. Ficamos curiosas e curiosos e nos perguntamos: como pode haver apenas árvores centenárias e plântulas? O que vai acontecer aqui no futuro?



Fazendo uma comparação com uma comunidade de pessoas, quando encontramos apenas pessoas idosas sabemos que logo aquele povoado vai deixar de existir. Uma população sadia precisa ter pessoas idosas, adultas, mas também jovens, crianças e bebês, ou seja, todas as faixas etárias. Com as plantas e os animais acontece o mesmo; o butiazal está com os dias contados se só encontramos árvores velhas e pequenas plântulas. Às vezes não percebemos isso sem fazer um estudo mais amplo e foi o que resolvemos fazer.

Quando chegamos nos disseram: “não se preocupem, lá nas terras do seu João tem bastante árvores jovens, porque ele só cria ovelhas”. Isso nos deixou novamente curiosas e curiosos. Será que há árvores jovens noutros lugares? Será que as ovelhas ajudam os butiazeiros? O que podemos fazer para evitar que o butiazal desapareça?



Foi assim que surgiu o projeto “Conservação do butiazal e da pecuária familiar em Quaraí, bioma Pampa, Rio Grande do Sul”. A iniciativa faz parte do Projeto Pampa, conduzido pela FLD, e é uma ampliação territorial do Programa Conservação e Uso Sustentável dos Butiazeiros, conduzido pelo Instituto Curicaca em parceria com o Instituto de Biociências da UFRGS.

O projeto

Numa análise preliminar, a partir do conhecimento que trazemos de outros butiazeiros, sobre a ecologia da planta e a interação planta-pecuária, e também de diálogos e oficinas com a comunidade local, levantamos a hipótese de que as plântulas não cresciam e os jovens não vingavam por causa da pressão de pastoreio do gado bovino e ovino, e por causa da queima pelo fogo utilizado para renovar a pastagem do campo nativo. Também consideramos que a interação com bovinos e ovinos deveria ter diferença, mas outros fatores teriam sido determinantes para que na propriedade do seu João houvesse árvores jovens reprodutivas.



Para buscar respostas resolvemos fazer uma primeira pesquisa. Conversando com moradoras e moradores locais conseguimos a cedência de cinco áreas para medirmos como estava a população desta espécie de Butiá. Cada uma delas com situação diferente de uso – predominância de ovelha, predominância de gado, maior e menor carga animal. Em cada



propriedade escolhemos ao acaso três áreas com as mesmas medidas. Foram, assim, quinze parcelas ao total. Em cada uma delas contamos o número de plântulas, jovens imaturos, jovens reprodutivos e árvores adultas. Medimos a cobertura do solo, o tamanho das plântulas, o tamanho e o número de folhas dos jovens, a altura e o diâmetro das árvores. Um segundo experimento foi isolar em cada propriedade uma pequena parcela cercada, de 25 x 25 metros, dentro

da qual havia butiazeiros adultos reprodutivos, impedindo a entrada do gado e tentando evitar que fosse usado o fogo para renovar a pastagem. Essas parcelas chamamos de “ilhas de biodiversidade”. Nelas fizemos as mesmas medidas da pesquisa anterior, mas dessa vez comparando o que acontecia dentro e fora do cercado.

A partir da iniciativa também foi implantado um viveiro. Foram colhidos os frutos, e feito o descaroçamento, aproveitando a polpa para uso na culinária. As sementes foram colocadas num “berço” ao solo que, após uma longa espera de mais de ano, vieram a germinar. Daí foram transplantadas para sacos plásticos em um substrato preparado com materiais naturais e estão crescendo para serem plantadas. Encontros com estudantes, professoras e professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Tubino, com vivência nos butiazeiros, trocas de saberes e o plantio de arboreto de butiazeiros no pátio da escola integraram essa outra parte do trabalho.



Os resultados até o momento

Descobrimos que, de fato, a população dos butiazeiros está em declínio, ou seja, está diminuindo. Com uma amostragem bem ampla, foi possível constatar que não está havendo recrutamento na população como um todo, ou seja, as plantinhas que nascem não crescem a ponto de se tornarem jovens reprodutivos. Em algumas décadas, se nada for feito, as árvores centenárias vão morrer - estão caindo com os temporais, sendo queimadas pelo fogo e por raios - e não serão substituídas por árvores mais jovens.



Encontramos apenas uma outra área onde existiam butiazeiros jovens reprodutivos, no topo de um cerro bem inacessível dentro da Fazenda Salamanca. Em duas propriedades nas quais a criação é mais voltada para ovelhas tivemos contextos diferentes. Na área do seu João, que trabalha com uma lotação mais leve, em duas parcelas próximas entre si e localizadas mais longe da casa encontramos árvores jovens reprodutivas. Noutra parcela,



mais próxima de onde se reúnem as ovelhas, só havia plântulas. Na propriedade do Cila, que cria ovelhas com uma lotação muito apertada, só encontramos plântulas. As medidas de cobertura do solo mostraram que nas parcelas onde foram encontrados os butiazeiros jovens reprodutivos, há menor ocorrência de solo exposto, maior presença de pedras e uma vegetação mais alta.

Durante as pesquisas observamos bovinos pastejando as folhas de butiazeiros jovens reprodutivos, já com 1,5 m de altura. Esse comportamento não foi observado em ovelhas. Também observamos que no

inverno há a prática de cortar folhas de butiazeiro para alimentar os bovinos, uma cultura que acostumou os animais a alimentarem-se mesmo de folhas mais fibrosas.

A partir de observações e dos resultados encontrados, considerando que a literatura aponta uma maior sensibilidade e seletividade de ovinos em relação à bovinos durante o pastoreio e considerando também que as folhas de butiazeiro se tornam mais fibrosas a medida que a planta cresce, conclui-se preliminarmente que numa condição de lotação mais apertada, tanto bovinos quanto ovinos pastejam as plântulas e não deixam elas se desenvolverem. Quando a lotação é mais leve, parte das plântulas deixam de ser pastejadas e conseguem crescer, mas como os bovinos pastejam folhas mais fibrosas e as consomem mesmo de plantas adultas, é possível concluir preliminarmente que com uma carga animal mais leve, os ovinos seriam mais amigáveis ao recrutamento de butiazeiros do que os bovinos. No entanto, também são prejudiciais em cargas mais elevadas.



Outros fatores como a redução da carga animal no período de alguns anos seguidos, a maior presença de pedras no terreno, o tipo de solo e a redução no uso do fogo para manejo da pastagem também por um determinado período, bem como a interação com ovelhas, aparecem como fatores que podem favorecer o recrutamento de butiazeiros e que poderiam ser manejados numa prática de pecuária sustentável.

O segundo experimento veio reforçar as interpretações do primeiro. Ao eliminarmos a pressão de pastoreio e do fogo começamos a ter recrutamento dentro das parcelas, ou seja, as plântulas começaram a crescer e transformar-se em jovens não reprodutivos com folhas espigadas e o tamanho médio das plantas aumentou. Mesmo na parcela instalada onde já havia plantas jovens, o tamanho delas aumentou, bem como a quantidade de plantas jovens com folhas espigadas. O resultado era esperado, mas é importante para demonstrar a influência desses fatores diretamente no contexto local, sem fazer suposições a partir de outras realidades.

Dois situações imprevistas serviram para agregar novas informações. Uma das parcelas cercadas foi atingida por uma queimada de campo para renovação de pastagem. Nela já havia plantas espigadas que cresceram das plântulas protegidas. O fogo queimou toda a parte vegetal exposta, mas não matou as plantas, já que existe uma parte mais rígida e forte na base do caule abaixo da superfície do solo. Após algum tempo parte das plantas rebrotaram, demonstrando

capacidade de resistir e de reagir. Numa propriedade vizinha, que estava em repouso há bastante tempo e sem a presença do gado devido à dificuldade de água, estava havendo recrutamento e encontramos alguns jovens não reprodutivos. Certo dia, a propriedade foi roçada cortando vassouras e chircas e, em seguida, foi submetida ao fogo, queimando as plantas jovens de butiazeiro. Essas duas observações mostram que o fogo é prejudicial ao recrutamento, mas como é sabido, o butiazeiro apresenta alguma resistência. É necessário realizar experimentos específicos quanto a interação com o fogo para determinar se existe uma forma de manejo que permita a coexistência, como o espaçamento entre os eventos e condições climáticas e de umidade do solo e da vegetação durante o evento.



Conclui-se que para as plântulas crescerem e se transformarem em plantas jovens reprodutivas mantendo viável o butiazal, é preciso controlar a pressão de pastoreio e de queimada do campo. Evidentemente, ao removermos estas causas para as plântulas não crescerem, oportunizamos que junto com os butiazeiros cresçam também outras espécies arbóreas e arbustivas e isso prejudicaria a pastagem. O campo nessa região é mantido pela presença do gado, principalmente. Se permitimos a retomada do processo ecológico evolutivo natural desse momento climático do Planeta, ou seja, de colonização do campo nativo pela floresta, estaremos criando limitações para a pecuária familiar, o que não é interessante. O que fazer então? Eis algumas alternativas que podem ser adotadas de forma independente ou complementar.

"Ilhas de biodiversidade" e restauração natural

No contexto das propriedades, dependendo do seu tamanho, estabelecer uma, duas, três ou mais áreas cercadas de 25 x 25 metros é algo que não prejudica a pecuária. A cada uma destas parcelas chamamos de "ilha de biodiversidade". Se utilizarmos como cálculo o preço médio de arrendamento da terra na região, cada parcela representaria um custo de cerca de R\$ 10,00 por ano. Implantar a Reserva Legal de 20% da propriedade, como define a Lei de Proteção da Vegetação Nativa (Lei nº 12.651/2012) exige muito mais do que isso. Mas para tal há dois desafios. Primeiro, é preciso sensibilizar pessoas proprietárias para que ajudem na conservação dos butiazaís dessa forma. Esse desafio exige uma percepção mais ampla das mudanças ao longo do tempo, pois é difícil perceber e aceitar que o butiazal está com seus dias contados, mas que isso só vai acontecer daqui talvez mais um século. Segundo, é preciso conseguir os recursos financeiros para pagar o cercamento, que não é barato. É muito difícil que proprietários arquem com este custo. Opções de custo mais baixo, como o uso de butiazeiros adultos como moirões vivos é uma forma que precisa ser testada quanto à viabilidade econômica e de implantação.



Manejo rotativo do gado em longo prazo

Uma vez que se consiga definir o estágio de crescimento da planta em que ela consegue suportar a pressão de pastoreio e do fogo, uma alternativa seria fazer rodízio dentro da propriedade entre grandes poteiros. Isso significaria deixar áreas em repouso por cerca de 8 a 10 anos acompanhadas de mais pesquisas e depois voltar a usá-las para a pecuária testando os resultados. Isso permitiria implantar um Sistema Integrado Pecuária Floresta, onde se poderia já nos primeiros anos iniciar o manejo dos frutos de butiazeiro, instalar apicultura ou meliponicultura, extrair e comercializar plantas aromáticas, medicinais e ornamentais, iniciar o manejo madeireiro seletivo a partir do quinto ano, para lenha, e lá pelo oitavo ao décimo ano fazer o corte seletivo de árvores e arbustos mantendo os butiazaís e propiciando o restabelecimento do campo nativo e o retorno da pecuária. O custo de cercamento ou manutenção de cerca permanece como uma dificuldade.



resultados. Isso permitiria implantar um Sistema Integrado Pecuária Floresta, onde se poderia já nos primeiros anos iniciar o manejo dos frutos de butiazeiro, instalar apicultura ou meliponicultura, extrair e comercializar plantas aromáticas, medicinais e ornamentais, iniciar o manejo madeireiro seletivo a partir do quinto ano, para lenha, e lá pelo oitavo ao décimo ano fazer o corte seletivo de árvores e arbustos mantendo os butiazaís e propiciando o restabelecimento do campo nativo e o retorno da pecuária. O custo de cercamento ou manutenção de cerca permanece como uma dificuldade.

Restauração com plantios

À medida que as mudas crescem vão apresentando maior grau de resistência ao pastoreio e ao fogo. A produção de mudas em viveiro demonstrou-se viável, mas o plantio na natureza pode ser feito de duas formas. Com plantas pequenas, de 1 ou 2 anos, desde que estejam em ambiente protegido do gado, ou seja, cercado. Com plantas maiores, de 5 a 7 anos, que poderiam ser plantadas sem a necessidade de proteção. No primeiro caso, os custos são altos na necessidade de cercas. No segundo caso, os custos são altos na manutenção em viveiro e no maior trabalho durante o plantio.



Criação de áreas protegidas

Essa opção pode acontecer tanto em terras privadas como públicas, depende da escolha dentro das possibilidades disponíveis. Seja qual for, seu objetivo precisaria ser o de recuperar a população de butiazais permitindo o crescimento dos jovens imaturos e reprodutivos. Atualmente tem se apostado nas Reservas Legais, em que segundo a Lei de Proteção das Vegetações Nativas cada propriedade precisa destinar 20% da área para esse fim. Poderia ser com Reservas Particulares do Patrimônio Natural – RPPN –, que poderiam ter cerca de 3 a 5 hectares, criadas em propriedades de tamanho médio ou grande. Poderia ser uma unidade de conservação pública criada pelo município ou pela Secretaria Estadual do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, nesse caso com uma área um pouco maior.



As parceiras e parceiros

A família Aristimunho

Nosso primeiro contato no butiazal foi com os Aristimunho. Dona Carmem, Seu João, os filhos Fernando, Mario e a pequena Gabi. Ali encontramos acolhimento, carinho, cuidado, boas conversas e sabedoria, um almoço delicioso e uma parceria enorme. Seu João, junto com o seu Zeca, proprietário da terra que Seu João arrenda, nos permitiram instalar a primeira "ilha de biodiversidade". Dona Carmem nos cedeu o viveiro para produzirmos as mudas. A Gabi ajudou a cuidar. Toda a família colaborou muito, na colheita dos frutos, na produção das mudas, no nosso bem estar quando visitamos o butiazal. Dona Carmem é artesã das boas, faz um xergão de lã famoso em toda a região e aprendeu com a EMATER a fazer lindos chapéus e bolsas com palha de butiá.



Seu Cila

Irmão de Dona Carmem Maria, Seu Cila é tio do Fernando e um grande conhecedor do butiazal. Já recebeu na sua propriedade diversas pessoas pesquisadoras interessadas no assunto e diferencia as variedades entre si, os que dão fruto tardio ou mais cedo, aqueles que são mais doces dos que são mais tenros. Ele foi o primeiro a nos ceder uma área para instalar a "ilha de biodiversidade", mesmo tendo uma propriedade pequena e onde cada metro quadrado é valioso para a sua intensa criação de ovelhas. As conversas com ele são cheias de aprendizados sobre os usos medicinais das plantas do Pampa.

A família Siqueira

Dona Carmem e Seu João Siqueira são donos de uma das poucas áreas no butiazal onde encontramos árvores jovens e reprodutivas. Eles nos cederam outra área para a "ilha de biodiversidade", bem junto à estrada. Seu João também é alambrador, dos bons, e fez pra nós o cercamento da maioria das parcelas. Foi na sua propriedade que a Betinha - extensionista que atua na EMATER até poucos anos atrás e que começou o trabalho com o butiazal na região - fez um trabalho de pesquisa e descobriu que as ovelhas são mais amigáveis com a planta do que o gado.

Seu Alceu, o quincheiro

Quando fomos procurar o Seu Alceu da Luz, já tínhamos ouvido sobre suas habilidades especiais. Um dos poucos moradores da região que ainda sabe fazer quincha com as folhas do butiá, arte que ainda queremos aprender em uma oficina. Ele nos permitiu instalar uma "ilha de biodiversidade" no fundo de sua propriedade, mas foi ainda mais generoso, disse que se quiséssemos, podíamos cercar um pedaço maior, sem problemas. Nossas conversas em frente à lareira, no galpão, acompanhadas de um mate, também nos trazem muitos conhecimentos da região.

Seu Paulo, da Salamanca

Precisávamos instalar uma parcela da pesquisa numa porção mais ao leste da área por onde se estende o butiazal e foi aí que o Seu Paulo Santahelena colaborou conosco. Proprietário da fazenda que faz homenagem à lenda da Salamanca do Jarau, ele nos cedeu lugar para a quinta "ilha de biodiversidade". Fica na subida de um cerro, de onde se tem uma linda vista das matas de galeria do arroio Coatepe e de onde avistamos uma enorme corticeira apontando suas flores vermelhas em meio à mata.

A Escola Municipal João Tubino

Chegamos à escola localizada na localidade do Areal graças à Gabi, que estuda lá junto com outras crianças e adolescentes que moram no Coatepe e no Sal-sal. A primeira atividade que realizamos com elas e eles foi uma visita ao butiazal com toda a escola, uma "vivência na natureza", como costumamos chamar. Muitos conheceram o ambiente do butiazal pela primeira vez, suas plantas, animais, as interações com as pessoas que moram no local e os desafios para a conservação desta paisagem. Também foi com a escola que fizemos o "Livro dos causos das famílias", que rodou de casa em casa registrando as histórias do butiazal e de outros lugares. Num encontro muito lindo, ouvimos familiares contando os causos e plantamos mudas de butiazeiros que receberam um nome dado por cada turma da escola.



O Instituto de Biociências da UFRGS

O Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul é uma instituição voltada para a pesquisa e o ensino superior nas ciências biológicas. Abriga o Centro de Ecologia, que tem entre suas atividades a pesquisa em biologia da conservação. Muitos trabalhos do Instituto Curicaca são desenvolvidos em parceria com esta instituição, o que inclui a colaboração de pesquisadores, o acompanhamento da parte científica dos trabalhos, a difusão de conhecimentos e dos resultados dos projetos no meio acadêmico e ao público em geral. Outro aspecto importante da cooperação é a transformação em políticas públicas daquilo que aprendemos ou geramos na pequena escala dos projetos.

O Instituto Curicaca

O Instituto Curicaca é uma organização não governamental sem fins lucrativos criada em 1997 e com sede em Porto Alegre – RS. Sua atuação foca em áreas protegidas, ambientes naturais, espécies ameaçadas de extinção, povos e comunidades tradicionais e na interação entre cultura e natureza. Promove a conservação e o uso sustentável da biodiversidade, a salvaguarda dos bens culturais das pessoas que vivem junto às áreas protegidas e no apoio ao desenvolvimento de economias sustentáveis, mais harmônicas com a natureza. Trabalha com projetos técnicos e políticas públicas, pesquisa e extensão, educação ambiental e patrimonial, programas e instrumentos de gestão, fortes parcerias com universidades, órgãos públicos dos três níveis de governo e outras ONGs. Seu patrimônio humano são dedicados e comprometidos associados, voluntários, estagiários, comunitários e instituições parceiras. Suas ações abrangem os biomas Mata Atlântica, Zona Costeira-Marinha e Pampa com ampla cooperação nacional e internacional envolvendo parceiros do Uruguai e Argentina.

A Fundação Luterana de Diaconia (FLD)

A FLD tem sede em Porto Alegre - RS, atua na promoção e defesa de direitos por meio do Programa de Pequenos Projetos, com apoio à grupos, organizações e movimentos em todo o Brasil. O Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) e o Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN) integram a FLD, possuindo vínculo com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Por meio do Projeto Pampa a FLD passou a atuar mais intensamente na fronteira oeste do RS, com comunidades de pecuaristas familiares, assentamentos da reforma agrária e junto à Povos e Comunidades Tradicionais, especialmente Comunidades Quilombolas. Com sua atuação - em conjunto com organizações parceiras - a FLD busca fortalecer o protagonismo de pessoas e grupos para a defesa de direitos e de seus modos de vida.

O que é o que é?



Alambrador – Pessoa com conhecimentos e habilidades para fazer cercas. O ofício inclui escolher boa madeira, instalar os cantos e os moirões bem firmes, esticar o arame na hora e com a tensão adequados (João Siqueira é uma das pessoas do Butiazal detentora deste saber).



Quincha – Cobertura de palha, que na região do Coatepe e Sal-sal é feita pelo trançado de folhas de butiá. Os saberes incluem detalhes da colheita, do preparo das folhas, do trançado da palha e da junção das folhas entre si, que permitem uma cobertura durar até 15 anos (Alceu da Luz é uma das pessoas do Butiazal detentora deste saber).



Xergão – Acessório de lã de ovelha feito para colocar entre a cela e o lombo do cavalo. Os saberes incluem dar a tensão certa na trama para que fique confortável ao animal, mas também dure bastante (Carmem Maria Aristimunho é uma das pessoas do Butiazal detentora deste saber).

